

O LÍDER E A MASSA NO POPULISMO LATINO AMERICANO

Francisca Rafaela Parga

RESUMO

No presente trabalho temos objetivo de fazer uma breve reflexão sobre o fenômeno político do populismo na América Latina, tendo como enfoque a relação estabelecida entre o líder populista e as camadas populares. Abordaremos também a coalizão formada entre as lideranças e o povo para fazer frente ao tradicional domínio oligárquico, bem como o papel do Estado populista de mediador entre as classes trabalhadoras e o capital no contexto das mudanças nas relações de produção, especialmente, o caso da Argentina, de Perón e do México, de Lázaro Cárdenas.

Palavras-chave: Populismo. Líder. Massa.

INTRODUÇÃO

O populismo não foi uma experiência política exclusiva da América Latina. Em lugares como a Rússia e os Estados Unidos, no século XIX, teve fortes bases agrárias e foi pensado como uma alternativa ao capitalismo. Mas foi em território latino americano que este fenômeno deixou suas marcas mais profundas, a partir da década de 30. Concretizou-se em vários países, adquirindo particularidades em cada um deles, mas apresentando vários traços em comum. Uma das características mais importantes deste movimento político é o apoio das classes populares aos governantes, fazendo com que estes líderes direcionem seus discursos a camadas tradicionalmente alijadas da política nacional.

O POPULISMO COMO ALTERNATIVA

O populismo emergiu como uma nova proposta para fazer frente às velhas formas de dominação política capitaneadas pelas oligarquias nacionais, frequentemente

comprometidas com o capital estrangeiro. Surgiu num contexto de crise dessas classes dominantes e num momento de transição de uma estrutura econômica agrária para relações de produção modernas, ancoradas na expansão da industrialização, no aumento da urbanização e no crescimento das cidades. Foram estes fatores que, progressivamente, deslocaram o centro das decisões políticas do campo (tradicionalmente dominado pelas elites agrárias) para o espaço urbano.¹

A política populista caracterizava-se pela forte presença do Estado como agente regulador das relações de produção e dos antagonismos de classe, bem como pela mobilização de setores sociais historicamente excluídos das decisões políticas, fundamentando-se no apoio popular.

Pode também ser visto como uma terceira alternativa frente ao capitalismo, gerador de conflitos de classe, desigualdades sociais e instabilidade política, e ao socialismo que negava valores culturais e religiosos e assustava com sua ditadura proletária.² Dentre os principais líderes populistas latino-americanos surgidos a partir de 1930 destacam-se: Lázaro Cárdenas (México), José Maria Velasco Ibarra (Equador), Getúlio Vargas (Brasil), Juan e Eva Perón (Argentina), Jorge Eliécer Gaitán (Colômbia) e Victor Raúl Haya de la Torre (Peru). Os dois últimos têm em comum o fato de nunca terem chegado à presidência.

A PARTICIPAÇÃO POPULAR

Uma de suas marcas fundamentais é a relação de caráter pessoal entre as massas e o governante, relações estas carregadas de emotividade, de cunho paternalista e personalista, envoltas numa complexa rede de significações e simbologias. O Estado é personificado na pessoa de um líder carismático, que tem o povo como depositário da legitimação de seu poder. Estabelece-se entre as duas partes uma relação direta, marcada por uma lealdade pessoal à figura do governante, não às instituições estatais.

O discurso populista alcançou grande ressonância junto às massas ao integrá-las ao cenário político nacional, de onde por muito tempo não encontravam espaço, e propagando uma retórica de comprometimento com a garantia de direitos sociais para os despossuídos.

Além do carisma, o governante contava com uma extraordinária habilidade oratória, exibida em comícios e discursos em praça pública para as multidões embevecidas. “Dê-me uma sacada e eu retornarei à presidência”³, proclamou José María Velasco Ibarra, que de autodenominava “Personificação Nacional” e ocupou a presidência do Equador por cinco vezes, entre 1930 e 1960.

A identificação do povo com a liderança é acentuada pelo fato de que algumas vezes esta é originária do mesmo meio social que as massas. Eva Perón foi uma menina pobre, filha de uma união ilegítima que ainda jovem migrou para Buenos Aires, a exemplo de outros argentinos no mesmo período, em busca de melhores condições de vida. Morou em pensões bolorentas antes de conhecer Perón e ser alçada ao posto de primeira-dama e mãe dos descamisados argentinos. Jorge Gaitán representava um homem de origem humilde que através de seus méritos conseguiu ascender socialmente, servindo de exemplo a seus compatriotas mais desafortunados.⁴

O povo vai protagonizar momentos de comoção quando da perda de seu guia (Eva, Vargas, Gaitán) cuja imagem é sacralizada após seu falecimento. O assassinato de Gaitán, em 1948, culminou no *bogotazo*⁵, um grave distúrbio nas ruas da capital colombiana que resultou na morte de milhares de pessoas. Igual fervor é demonstrado quando o líder se vê em poder de seus inimigos. Neste último caso podemos citar a manifestação popular que exigiu a libertação de Juan Domingo Perón da prisão em 17 de outubro de 1945, data que ficou marcada como Dia da Lealdade Peronista.

O CARÁTER NACIONAL-DESENVOLVIMENTISTA DO POPULISMO

Na política populista destaca-se a intensa intervenção estatal nas relações econômicas e sociais, orientada por um programa nacionalista e de crítica ao imperialismo econômico. Fomentou-se a industrialização, a expropriação e nacionalização das empresas estrangeiras e o fortalecimento das instituições corporativas, como os sindicatos de trabalhadores. Segundo Aggio

houve uma verdadeira canalização das energias mobilizadas pelas massas populares em relação aos governos que se estabeleceram, visando à realização de metas e objetivos bastante precisos: a promoção do desenvolvimento econômico por meio de um forte

apelo modernizador e industrializante, bem como a unificação de toda comunidade social por meio da idéia de nação.⁶

O peronismo , através da compra ou da expropriação, nacionalizou várias empresas estrangeiras, de bancos a ferrovias. Lázaro Cárdenas fez o mesmo com o petróleo e o sistema ferroviário. Tais medidas renderam retaliações e dissabores diplomáticos com os E.U.A e a Inglaterra, países de onde provinham a maior parte das companhias nacionalizadas.

CONCILIAÇÃO TRABALHO/CAPITAL

O Estado populista estabelece-se como regulador das relações entre trabalho e capital, enfatizando o trabalho como promotor do bem estar coletivo e do desenvolvimento da Nação. Desenvolvem-se intensas relações entre o poder público e a classe trabalhadora através das organizações sindicais.

Juán Domingo Perón, antes de ser alçado à presidência, ocupou o cargo de Secretário de Trabalho e Provisão, o que lhe valeu uma aproximação com os operários. “Con la creación de la Secretaría de Trabajo y Previsión se inicia la era de la política social argentina. Atrás quedará para siempre la época de la inestabilidad y el desorden en que estaban sumidas las relaciones entre patronos y trabajadores.”⁷ Através deste órgão os operários obtém conquistas, como por exemplo, férias remuneradas e assistência médica, além de ampliarem sua participação na vida política argentina.

Por primera vez, desde las esferas del poder alguien apelaba a ellos [los obreros], no ya como meros proveedores de votos o apoyo suplementario, sino como ejes y principal base de sustento de un nuevo e vasto movimiento político capaz de desafiar a todos los preexistentes coaligados⁸

A ascensão de Lázaro Cárdenas à presidência do México, em 1936, marca uma nova orientação do poder executivo no que diz respeito ao papel do Estado com relação aos conflitos entre trabalhadores e o patronato, substituindo a repressão ao movimento sindical pela tutela do mesmo. Em 1936 é fundada a Confederação de Trabalhadores do México (CTM), que englobava diversos sindicatos, o que demonstra o propósito cardenista de promover a organização e a unificação das entidades sindicais. O

operariado foi fortalecido e constituiu-se num dos alicerces de sustentação do governo. Por várias vezes o poder público interviu em seu favor, como nos conflitos entre trabalhadores e empresas estrangeiras que culminaram com a nacionalização das ferrovias e das empresas petrolíferas. Entendia-se a greve como um mecanismo legítimo da classe trabalhadora para reivindicar melhores condições de vida.

Cárdenas também dirigiu suas preocupações à causa camponesa, promovendo um reforma agrária (1936-1937) baseada na propriedade comunal da terra. Para efetivar o programa, algumas parcelas de terra pertencentes a companhias estrangeiras foram expropriadas. Além da reorganização fundiária, o governo mexicano estimulou o campesinato a organizar-se, tal como os trabalhadores urbanos.

Toda administración requiere de ese factor poderoso que es el elemento trabajador, para hacer cumplir las leyes, porque sino cuenta con la fuerza y apoyo de este, su labor será nula a causa de que los distintos intereses egoístas que existen en el país oponen resistencia cuando se trata de cumplir una ley radical o cuando se trata de modificar otra para el mejoramiento de las condiciones eficaces para exigirle a cualquier otro ciudadano que ocupe el poder, la satisfacción de las necesidades del pueblo.⁹

Cárdenas teve uma postura com relação aos sindicatos mais democrática que Perón, que atrelou as organizações sindicais ao Estado restringindo-lhes a autonomia. A política populista destes dois líderes trouxe importantes concessões ao povo, sem no entanto, romper com as estruturas macroeconômicas vigentes, sendo assim, de caráter mais reformista que revolucionário.

En el caso de Cárdenas hay un explícito reconocimiento de la existencia de la *lucha de clases*: aquí el Estado debe ponerse al lado del trabajo, como la parte más desprotegida, que ha de ser fortalecida en la confrontación con las clases propietarias, no con el objetivo de cambiar el sistema, sino en el marco de una *justicia efectiva* dentro del capitalismo. En el planteo de Perón la conciliación entre el capital y el trabajo también es un elemento central¹⁰

Aggio reitera, afirmando que “... a ultrapassagem da forma política de dominação oligárquica na América Latina não se processou por meio de revoluções, sendo marcadas essencialmente pela dinâmica *conservação-mudança*”.¹¹

A mediação entre trabalho e capital pelo Estado no populismo teve o objetivo de conciliar as massas e a burguesia em favor de um projeto nacional, onde as demandas de um grupo deveriam coincidir com os da Nação.

A AUTONOMIA DAS MASSAS

O termo populismo adquiriu uma conotação negativa ao longo do tempo. Seus líderes foram muitas vezes taxados de caudilhos. Estabeleceu-se inúmeras comparações com os regimes totalitários europeus, pelo forte apelo nacionalista e pela proeminência na figura do líder. Ressaltou-se a forte repressão aos opositores, como na Argentina peronista. Passou a ser associados por muitos como uma ação de políticos demagogos e oportunistas, que realizam gastos irresponsáveis das finanças públicas concedendo benefícios sociais aos extratos mais baixos para poder usá-los como massa de manobra.

Alguns historiadores têm repensado estas questões, trazendo novas perspectivas e trabalhando com a idéia de “reciprocidade de interesses”¹² no lugar de manipulador/manipulado. Sobre a categoria manipulação, Ângela de Castro Gomes faz interessantes observações:

a ‘manipulação’ populista não é de maneira simplista, uma estratégia urdida por políticos espertos para enganar o povo ingênuo. É bem mais complexa, pois dotada de uma ambigüidade intrínseca: é tanto uma forma de controle sobre as massas, como uma forma de atendimento de suas reais demandas. Embora seja muito mais enfatizada a dimensão do ‘mascaramento’ existente neste atendimento, a política ‘populista’ é avaliada também como um caminho de acesso e de reconhecimento dos interesses dos setores populares.¹³

Da mesma forma, para Oscar Aelo, esta aliança entre o governo e os extratos subalternos “se debía menos al impulso ‘manipulador’ que a la activa presencia de las classes trabajadoras urbanas, quienes aceptaban integrar la coalición política (luego llamada populista) imponiendo sus próprias demandas”.¹⁴ O mesmo autor ressalta que o forte caráter igualitário que o movimento populista adquiriu em alguns países (a exemplo do México cardenista) foi produto da pressão popular.

Muitos dos direitos sociais que trabalhadores conquistaram com o populismo foram frutos de lutas e reivindicações anteriores, mostrando o descontentamento dos operários e dos camponeses com a política econômica tradicional.

Desta forma, as massas também se valeram da política populista como um canal para concretizar seus anseios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Taxado de demagógico, desqualificado como assistencialismo irresponsável, acusado de manipular as classes subalternas, execrado como autoritário, insinuado como fascismo, recriminado como comunismo. O populismo ainda é capaz de suscitar debates apaixonados. Críticas à parte, pode ser considerado como uma alternativa que alguns países, em especial os da América Latina, encontraram como forma de elaborar seus próprios modelos de organização política e social contrapondo-se aqueles advindos de outras realidades como os Estados Unidos e a Europa, cujas instituições são modelo para o resto do mundo.

Através do populismo, as massas foram colocadas como protagonistas da ação política como poucas vezes ocorreu em terras latino americanas. Ancorado na forte mobilização popular, com um forte conteúdo nacionalista, elementos teatrais e componentes psicológicos, estabelece uma relação quase mítica entre a liderança e seu povo, que não pode ser entendida como pura e simplesmente como manipulação por parte do governante.

As novas perspectivas teóricas rechaçam a passividade das massas, substituindo a noção de “manipulação” por uma aliança entre a liderança e as classes populares, ressaltando que estas também podem pressionar e manejar a situação política de acordo com seus interesses.

NOTAS

¹ D'ARAUJO, Maria Celina. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. In: DELGADO, Lucila Neves & FERREIRA, Jorge (org). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v.2. p. 217.

² D'ARAÚJO, op. cit., p.215

³ Citado por: CHASTEEN, John Charles. *América Latina, uma História de sangue e fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001. p.200.

⁴ MENESES, Gerson Galo Ledezma. *Imaginário y fiesta populista en América Latina*. Popayan: Problemas Políticos Latinoamericanos, 1998.

⁵ CHASTEEN, op. cit., p.200

⁶ AGGIO, Alberto. A emergência de massas na política latino-americana e a teoria do populismo. In: AGGIO, Alberto & LAHUERTA, Milton. *Pensar o século XX – Problemas políticos e História Nacional na América Latina*. São Paulo: Unesp, 2003. p.147

⁷ Discurso de Perón em 2 dezembro de 1943, citado em: AGUILAR, Gabriela B. & VIANO. Las relaciones Estado/Movimiento Obrero en el Cardenismo (1934-1940) y en los orígenes del Peronismo (1943-1945): um estudio comparativo. In: DAYRELL, Eliane Gracindo & IOKOI, Zilda Márcia G. *América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 537.

⁸ DEL CAMPO, Hugo. *Sindicatos, Partidos Obreros y Estado en la Argentina Peronista*. Em Estado y Sociedad en el pensamiento nacional. Buenos Aires: Cântaro:1989. Citado por AGUILAR e VIANO, op. cit., p. 539

⁹ Discurso de Cárdenas durante a campanha eleitoral em março de 1934. Citado em: AGUILAR e VIANO, op. cit., p. 539-540.

¹⁰ Ibid, p.544. Grifo das autoras.

¹¹ AGGIO, op. cit., p. 163. Grifo do autor.

¹² MENESES, op. cit., p. 46

¹³ GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lila Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.4. p. 546

¹⁴ AELO, Oscar. Imágenes latinoamericanas en la época del populismo. *Revista de Estudios Ibero-Americanos*. PUCRS. V. XXVII, n.2, p.197, dez. 2001.